

JACEK PLECIŃSKI

Escola Superior de Línguas, Wrocław

j.plecinski@wsf.edu.pl

RESENHA DE MÁRIO PINTO, WŁODZIMIERZ JÓZEF SZYMANIAK,
TÍTULOS DAS NOTÍCIAS. RECURSOS RETÓRICO-ESTILÍSTICOS:
INTENCIONALIDADE OU ACASO? EDIÇÕES MINERVACOIMBRA,
COIMBRA 2005. PÁGS. 113, COLEÇÃO COMUNICAÇÃO

Abstract. Jacek Pleciński, *Resenha de Mário Pinto, Włodzimierz Józef Szymaniak, Títulos das notícias. Recursos retórico-estilísticos: intencionalidade ou acaso? Edições MinervaCoimbra, Coimbra 2005, Págs. 113, coleção comunicação* [Review of Mário Pinto, Włodzimierz Szymaniak, *Títulos das notícias. Recursos retórico-estilísticos: intencionalidade ou acaso?*], *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz University Press, Poznań, vol. XL/1: 2013, pp. 159-161. ISBN 978-83-232-2542-3. ISSN 0137-2475. eISSN 2084-4158.

Hodiernamente, a palavra *retórica* mostra uma tendência progressiva para desaparecer, pelo menos no seu sentido não-depreciativo (*ars oratoria*, arte de falar ou escrever com eloquência); usam-se agora com mais frequência *estilística* e *teoria literária*. Pessoalmente não concordo com isso e fico muito contente quando um autor não foge à palavra *retórica*, porque os meios propriamente retóricos podem ser utilizados, não direi: por acaso, mas sim com intencionalidade limitada. Um jornalista qualquer que costuma usar figuras retóricas devidamente definidas e explicadas no livro *Títulos das notícias*, fá-lo, ao meu ver, com intenção, mas também – na maioria dos casos – sem dar-se conta de que está a se servir de um meio que tem um nome adquirido na terminologia literária. “A nossa análise não detetou praticamente nenhum caso de abuso flagrante da retórica susceptível de causar danos à parte informativa da mensagem”, concluíram os Autores (pág. 105), o que não quer dizer necessariamente que os jornalistas, na sua generalidade, são peritos em retórica teórica.

Os Autores observaram com pertinência que “a inventariação e classificação das figuras de estilo não foi ainda satisfatoriamente resolvida pelos linguistas”. Apesar disso, um linguista vai reconhecer e aceitar a apresentação da esmagadora maioria dos recursos retóricos presentes no livro sobre o qual me estou a debruçar.

As figuras presentes nos títulos das notícias nos jornais portugueses encontram-se listados na ordem alfabética. Acho uma ótima ideia, já que essas figuras não pode-

riam ser facilmente classificadas em grupos compactos. Desta maneira o leitor pode consultar a lista com facilidade. Logo se vê que um certo número de vocábulos para designar figuras retóricas têm vários sentidos. A *silepse*, segundo Pinto e Szymaniak, “consiste no estabelecimento de uma relação sintática entre os elementos lógicos que nem sempre têm representação gramatical” (pág. 50). No meu estudo *Le Ludisme langagier. Domaine français, XX^e siècle* (Torun [Polónia], 2002), o termo de *silepse* aparece num outro sentido, esse também estabelecido na tradição retórica: “procédé par lequel on prend un même mot à la fois au propre et au figuré”. Eis um outro exemplo, desta vez mais ténue: *zeugma*, figura que “consiste na omissão intencional de um elemento já presente noutra oração ou noutra frase”. Aparentemente o *Dictionnaire de linguistique* de Jean Dubois *et alii* diz o mesmo: “Tour par lequel, dans plusieurs énoncés successifs de même organisation, l’un des termes n’est exprimé qu’une fois”. Mas os exemplos citados não mostram muita afinidade: se o título “Enke vai à faca e Bossio [vai] à baliza” apresenta características de invenção e intencionalidade, o exemplo do *Dictionnaire...* – tal como alguns exemplos citados pelos Autores – parece tão banal que nem faz pensar na retórica. Acrescentemos que um *zeugma* é capaz de se aproximar da antanáclase. Às vezes – poucas – uns exemplos citados no livro não correspondem à definição; por exemplo, onde está a aliteração (“repetição dos mesmos fonemas no início de palavras consecutivas”) no título “Visão quantitativa do transporte marítimo” (pág. 21) ou no título “ONU tenta nova estratégia de repatriamento” (ibid.). Pode-se falar já de aliteração no caso de duas só palavras iniciadas por fonemas idênticos (“O fugitivo fugiu”, “Caçador caçado”)?

Um grande valor da obra examinada é a distinção de figuras retóricas em figuras de pensamento e figuras de palavras e a classificação categorial das mesmas em metáforas, metáforas, metáforas e metáforas. Depois, ao falarem de figuras, os Autores não se esqueceram de as colocar numa das classes mencionadas, com excepção das figuras que não são propriamente retóricas, mas antes procedimentos semânticos (*desiderata*, pág. 62), opções motivadas pelos factores pragmáticos (*disfemismo*, pág. 58) ou formas de expressão (*eufemismo*, pág. 56).

O valor de livros deste tipo reside não somente na sua eventual originalidade manifestada a cada passo, mas também no facto de confirmar o encadeamento anterior de ideias presentes na mente dos leitores. Deste ponto de vista, *Títulos...* é um livro muito perto do ideal: ao longo da leitura, numerosas observações caem como sopa no mel do leitor que reconhece verdades sabidas mas dificilmente exprimíveis, o que torna bem deleitosa a leitura. Eis algumas observações claramente pertinentes: 1) “Na linguagem dos políticos, as perífrases são uma constante infeliz, na medida em que servem para formar construções semanticamente vazias e imunes a qualquer responsabilidade” (pág. 47). 2) Adorei aprender a expressão *Portugal sentado* (pág. 49), porque ela corresponde a cem por cento ao que na minha Polónia natal costumamos tratar de *cabeças falantes* “cenas televisivas com as pessoas sentadas em frente de uma mesa”, diz-se com ironia para designar programas sedentários e *ipso facto* aborrecedores.

3) Pág. 57: “o uso do estrangeirismo suaviza a expressão e atribui-lhe características mais informais”, dizem os estudiosos e têm razão também fora da língua portuguesa, pelo menos na área de línguas românicas e eslavas. 4) Na pág. 62, os Autores relatam um eufemismo bizarro **inverdade* ‘mentira’, enquanto na língua polaca o antônimo oficial e eufemístico da *mentira* (*prawda*) é justamente a palavra com prefixo de negação (*nieprawda*). 5) Na minha qualidade de autor de estudos sobre o lúdico na linguagem, esperava eu que alguns fenômenos lúdicos fossem abrangidos pelo livro em questão e não fiquei desiludido: veja-se *jogos de palavras* (pág. 99 ss.) seguidos por *adivinhas* (pág. 100 ss.), *humor* (pág. 103 ss.).

Quanto a observações críticas, só tenho três e que tratam de pormenores que não chegam a influir na apreciação positiva da obra inteira: 1) (pág. 57) Não tenho certeza de que *casa de meninas* funcione como eufemismo (e perífrase ao mesmo tempo), porque isso depende da palavra sinônima considerada como neutra. (Talvez eu fique influenciado pela palavra americana analógica *whorehouse* que não é nem eufemismo nem perífrase.) 2) (pág. 71) *Pequim* ‘capital da China’ é palavra com ortografia portuguesa e não francesa, portanto Boris Vian escreveu o romance *L’Automne à Pékin*. 3) Na introdução, Pinto e Szymaniak louvaram os trabalhos de Chaïm Perelman (para mim, um autor desconhecido) na área da retórica, mas não incluíram nenhuma obra dele na bibliografia, onde faltam igualmente obras de Tzvetan Todorov.

Mas estes detalhes não têm importância; o livro pertence à categoria de obras excelentes que dão prazer na leitura e cuja conclusão se deduz duma maneira natural do próprio conteúdo. Refiro-me especialmente à seguinte ilação: “O emprego de certas figuras de estilo [...] [contribui] inequivocamente para facilitar a recepção da mensagem veiculada” (pág. 106).